

FMI admite um deságio para dívida

Washington — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, aceitou implicitamente uma demanda das nações endividadadas ao discursar ontem na assembléia anual do FMI-Banco Mundial, ressaltando que o valor da dívida deve se estabelecido não somente por seu montante nominal nos livros contábeis, mas por sua cotação no mercado.

Nesse sentido, Camdessus sustentou que o mercado atual de títulos da dívida governamental é fragmentário e imperfeito, ou seja, os preços cotados não constituem indicadores claros nem para os devedores nem para os credores.

Após dizer que a estratégia para a dívida tem um elemento fundamental a ser preservado a qualquer custo — o princípio da responsabilidade conjunta e o dever de cooperação —, Camdessus que assumiu a chefia do FMI há alguns meses, assinalou: Seria muito positivo que se estabelecesse, paulatinamente, um mercado mais amplo e transparente para refletir as flutuações da situação creditícia dos países e assentar as bases, no devido tempo, para a mobilização de um fundo de financiamento de maior envergadura.

Esse mercado, acrescentou o diretor-gerente, converter mais dívidas em investimentos.

Camdessus também informou que o FMI tentará adequar suas políticas à necessidade de crescimento dos Países em desenvolvimento e que implementará uma nova distribuição de Direitos Especiais de Saque, a unidade de reserva e de contabilidade do organismo, para que se torne o principal instrumento do sistema monetário internacional.

Tanto Camdessus quanto o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, insistiram em que os bancos privados devam outorgar mais créditos aos países do Terceiro Mundo. Os dois dirigentes também fizeram apelos para que os governos das potências industrializadas evitem o protecionismo, abram seus mercados e aumentem as importações de produtos dos países menos desenvolvidos.

De qualquer forma, na abertura da assembléia conjunta do FMI-Bird, não houve propriamente muitas iniciativas concretas para a crise da dívida externa durante os discursos.